

## **Impactos decorrentes da invasão das abelhas africanas no Cerrado**

Nilton Tadeu Vilela Junqueira  
Embrapa Cerrados

Meu nome é Nilton Tadeu Vilela Junqueira, sou Eng. Agrônomo, produtor rural, ambientalista e pesquisador. Nasci e vivi até aos 25 anos numa região de transição Cerrado-Mata atlântica no Sul do estado de Minas Gerais. Depois de ter trabalhado 10 anos no estado do Amazonas, voltei para o Cerrado do Planalto Central.

Meu Pai era apicultor profissional no Sul de Minas Gerais e, com ele, aprendi a manejar e interessar por abelhas. Logo que cheguei em Brasília, comprei uma fazenda em área de cerrado, onde passei a cultivar frutas em escala comercial e praticar pecuária de corte. Ao andar na área da fazenda e pela vizinhança, percebi que havia colméias de abelhas africanizadas em todo lugar, como formigueiros velhos, debaixo de pedras, árvores ocas, cupinzeiros, galões de herbicida abandonados, canos de irrigação, postes de energia, latadas, barrancos de rio, buracos de tatu etc. Nunca em minha vida tinha visto tantas colméias de *Apis* na natureza. Posteriormente, verifiquei que algumas colméias de abelhas nativas como a Jataí, boca-de-sino, tataíras, vespas e outras se estabeleciam naturalmente durante o período seco e morriam durante o período chuvoso. Após investigar as causas da morte, chegamos a conclusão que elas morriam de fome, pois não conseguiam competir em número e agressividade com as abelhas africanizadas. Todas as flores emitidas naquele período recebiam um número intenso de africanizadas, sem qualquer chance para as abelhas nativas. Cheguei a introduzir algumas em caixas de madeira, mas a maioria morreu também.

No Cerrado temos plantas melíferas e nectíferas. As nectíferas restritas como o pequizeiro, maracujazeiro-nativo e outras não permitem que abelhas tenham acesso a câmara nectífera, portanto não são melíferas, sendo, portanto, visitadas e polinizadas por morcegos, mariposas, mamangavas e pássaro que conseguem atingir a câmara nectífera. Durante o período da seca no Planalto Central, época de maior pico de floração, as abelhas africanizadas tomam conta das floradas impedindo a aproximação e afugentando as abelhas nativas de pequeno porte, fazendo com que essas morram de fome. Em muitos casos, a abelha africanizada não consegue fazer a polinização como no caso do maracujazeiro, mas carrega todo o pólen e impede a aproximação da mamangava e de outros polinizadores mais eficazes. Assim, boa parte de frutos de algumas espécies de maracujazeiro encontradas na natureza produz frutos sem sementes. O maracujá-roxo já não pode mais ser encontrado no Cerrado.

Num segundo caso, as abelhas africanizadas vêm aumentando consideravelmente a produção de sementes ou frutos em algumas espécies como o angico, aroeira e outras por auxiliarem na polinização, tornando essas espécies muito mais competitivas em seu ambiente natural enquanto outras vêm desaparecendo. Nesse caso, está havendo um aumento excessivo do número de plantas dessas espécies em relação às outras. Outro impacto negativo vem sendo visto na reprodução de animais que necessitam de atividades em troncos de árvores, cupinzeiros, barrancos e paredões rochosos, como os tucanos, araras, pica-paus, papagaios e outros. Por não terem muitos inimigos naturais no Cerrado, as abelhas africanizadas se reproduzem de forma excessiva e invadem todas essas cavidades, desalojando os pássaros e outros animais que precisam dessas cavidades para fazer seus ninhos. É comum encontrarmos ninhos de papagaio em buracos de tatus, onde são facilmente alcançados por predadores terrestres.

Ainda não há dados oficiais sobre os danos da abelha africanizada no meio ambiente do Cerrado, mas eles podem ser facilmente notados pelas pessoas que convivem com o Cerrado. Não sou contra a apicultura tecnicada onde os apicultores fazem manejo das colméias impedindo a produção de rainhas em excesso, evitando dessa forma, a liberação de enxames na natureza, mas me preocupo muito com os "Abelheiros". Estes são pessoas que colocam abelhas em qualquer lugar e não fazem manejo de colméias, inundando a natureza com abelhas exóticas. não sei como está essa situação em outros ecossistemas, mas me preocupo muito com o incentivo da apicultura exótica próximo ou em áreas de preservação ambiental, como no Pantanal e em outras, sem qualquer estudo prévio, pois os "abelheiros" vão aparecer como em qualquer outro lugar. Fazem aproximadamente 40 anos em que a abelha africana foi introduzida no Brasil e seus danos ao ambiente já estão sendo notados. Imagina o que acontecerá daqui a 100 anos. Por estas razões estou comunicando esse fato ao Instituto Hórus, para que tais danos sejam levantados no Cerrado e em outros ecossistemas, bem como, impedir o incentivo da apicultura exótica próximo de áreas de reservas, FLONA's e de outras áreas de preservação ambiental e divulgar o fato junto a autoridades e comunidades.

Nilton Tadeu Vilela Junqueira  
Embrapa Cerrados  
C. Postal 08223  
73.301-970, Planaltina, DF



FONTE: Instituto Hórus de Desenvolvimento e Conservação Ambiental  
[www.institutohorus.org.br](http://www.institutohorus.org.br)